

Autoridade da Escritura — Abordando Revelação e Inspiração

Ekkehardt Mueller

O estudo apresenta uma visão geral de como interpretar as Escrituras.

A Bíblia, a revelação, a inspiração e a confiabilidade e autoridade da Escrituras são debatidas hoje, com repercussões para os Adventistas. Em alguns casos mesmo a possibilidade de revelação e inspiração divina é totalmente rejeitada. Em outros revelação e inspiração são reinterpretadas.^[1]

As questões são sendo muito discutidas porque esses temas pertencem aos mais fundamentais na teologia, tendo um forte impacto sobre as crenças e a vida cotidiana dos Cristãos. Embora Jesus e a salvação através Dele formem o centro de nossa teologia e experiência, é, em última análise, apenas através das Escrituras que recebemos informação necessária sobre Ele e a redenção. Ali conhecemos Jesus – em Seu ministério multifacetado em nosso favor. Como entendemos a Escritura moldará nossa percepção Dele e nossa compreensão do discipulado.

Este artigo centraliza-se nos métodos de estudo da revelação, inspiração e autoridade da Escritura. Ele não discutirá essas doutrinas bíblicas por si só, mas fornece definições curtas limitadas.

1. Definições

De acordo com o testemunho bíblico a revelação especial^[2] é um ato de Deus no qual Ele revela a pessoas específicas (1) a Si mesmo, (2) verdades de várias naturezas, e/ou (3) Sua vontade. Como resultado da iniciativa e ação de Deus estes seres humanos, chamados profetas, têm acesso a uma experiência que de outra forma não está aberta aos seres humanos, recebendo conhecimento não disponível de outra forma.

De acordo com a Escritura inspiração é o ato de Deus através do qual Ele capacita o profeta a compreender e comunicar a mensagem recebida. Por este processo a mensagem proclamada se torna palavra de Deus e não é apenas palavra humana. A fim de comunicar a revelação de forma confiável, a inspiração é necessária. No entanto, a revelação e a inspiração não podem ser claramente separadas.

Falando da autoridade da Escritura, cremos que a ela é “a revelação infalível de sua vontade,”^[3] é o padrão para uma vida Cristã. Tudo tem que ser testado por ela. Cada doutrina deve ser fundamentada sobre ela. A Escritura, então, tem prioridade sobre todo o pensamento humano, pesquisa e emoção.

2. Metodologia

Nenhum erudito ou cientista trabalha sem certos pressupostos. Sobre este tema, alguns vão negar abertamente coisas como a revelação divina e inspiração. Outros reclamam o oposto. Alguns asseguram que ali *pode* haver inspiração divina. Com base nestes pressupostos, alguns estudiosos consideram que a Bíblia é meramente um livro humano, ou um livro divino, uma mistura dos dois, ou um livro com ambas as características ao mesmo tempo. Tais idéias preconcebidas influenciam a pesquisa.

Várias abordagens são apresentadas. Elas não são exclusivas, mas podem ser combinadas com uma outra. Uma opção é proceder indutivamente. Uma outra é trabalhar dedutivamente. No primeiro caso o pesquisador pode escolher estudar a inspiração por meio de fontes extrabíblicas e tirar conclusões que então são aplicadas à Bíblia. Outra possibilidade é criar analogias a fim de demonstrar como a inspiração funciona e fazer deduções. Novamente a abordagem respectiva selecionada moldará o resultado.

a. Indutivo versus Dedutivo

A escolha principal é proceder indutivamente ou dedutivamente. Normalmente, uma abordagem indutiva começa com a investigação do fenômeno bíblico. Alguém lê, por exemplo, os Evangelhos, compara-os uns com os outros, e detecta as diferenças e as chamadas discrepâncias. Alguém estuda Crônicas e Reis e observa lacunas e diferenças. Uma comparação da experiência de Paulo como relatada em Atos e em Gálatas parece revelar diferenças. Supostamente, mesmo os relatos de sua conversão em Atos não combinam. Uma aproximação indutiva muitas vezes não permite a harmonização mesmo onde parece

ser possível e aconselhável. Ela está preocupada em encontrar diferenças em vez de acordo e unidade. E ela sempre trabalha apenas com partes de todo o enigma. No entanto, com base nesse tipo de dados coletados e interpretados, uma doutrina de inspiração é formulada. O problema com essa abordagem é que, em grande parte, ela desconsidera o auto testemunho da Escritura. O ponto de partida não é o que a Escritura reivindica ser, mas o fenômeno dos textos bíblicos como vistos e interpretados por um ser humano racional dos séculos XX e XXI.

Uma abordagem dedutiva começa com o auto testemunho das Escrituras, ou seja, os textos que, direta ou indiretamente, se referem à revelação, à inspiração e à autoridade das Escrituras. A doutrina de inspiração, por exemplo, é formulada com base nas reivindicações das Escrituras e suas inúmeras referências a este tema.

Provavelmente, a questão da indutiva versus dedutiva não é simplesmente uma questão de qualquer um/ou. Ambas as abordagens são necessárias. Para formular uma doutrina de inspiração não se pode desconsiderar o fenômeno textual e não se deve descartar o auto testemunho das Escrituras. A Bíblia deve ser autorizada a falar por si mesma. Assim, a questão é *como* começarmos? Ou qual abordagem vem primeiro? Em um julgamento, é justo escutar primeiramente uma testemunha e leva-la a sério antes que alguém questione suas declarações. Até certo grau, Heinrich Schliemann fez exame até mesmo dos escritos de Homero em seu valor real e escavou Tróia, uma cidade acreditada previamente ser apenas fictícia.^[4] Porque a Bíblia reivindica a revelação e a inspiração, é justo começar daí e se perguntar como o fenômeno pode ser reconciliado com esta afirmação.^[5]

b. Uso de Fontes Extrabíblicas

Entre outros, a história da escola de religiões tem usado fontes extrabíblicas para interpretar as Escrituras, tais como os mitos Babilônicos, os cultos de mistério Helenístico, e as ideias do culto ao Imperador Romano.^[6] Seus pontos de vistas têm sido lidos de volta para a Bíblia. Deveríamos ser muito hesitantes em usar tal procedimento, visto que os Adventistas aceitam o princípio da Escritura como sendo sua própria intérprete.

No entanto, devemos ir um passo adiante. Para estudar a inspiração em um profeta inspirado, não-canônico, por exemplo, em E. G. White, e ler os dados reunidos de volta para a Bíblia é – com base no princípio *sola scriptura* também não é aceitável. A Bíblia pode ficar por conta própria, e uma doutrina bíblica de inspiração deve ser derivada da Bíblia e da Bíblia somente. Profetas não-canônicos genuínos podem fornecer informações úteis, mas ver a Bíblia através dos processos envolvidos na inspiração de um profeta não-canônico é o raciocínio circular.^[7] Além disso, devemos perguntar se, ao permitir tal abordagem, uma espécie de princípio de uniformidade está em operação. Embora a Bíblia não forneça evidências de estágios de inspiração, ou seja, um profeta sendo mais inspirado do que outro, permanece a questão se a inspiração realmente funcionou da mesma forma em todos os profetas. O resultado é igual enquanto essa revelação, a mensagem de Deus, é transmitida fielmente, mas os processos não são necessariamente idênticos. A experiência de Jeremias em ditar a mensagem de Deus a Baruque enquanto estava inspirado (Jr 36), obviamente é diferente da experiência de Lucas reunindo informações e sob inspiração compôs seu Evangelho.

c. Uso de Analogias

Analogias podem ser extremamente úteis. Elas são como fotos que tornam familiar um argumento para o público. Mas analogias, como parábolas, têm limitações. Elas não devem ser interpretadas como que seus mínimos detalhes possuíssem algum significado. Criar uma analogia e fazer deduções a partir dessa analogia pode não mais corresponder à realidade.^[8] Portanto, precisamos ter cautela.

Uma das analogias mais comuns é o chamado modelo encarnacional. Neste caso, a Escritura está em paralelo com Jesus Cristo. Há teólogos que negam o caráter divino das Escrituras. Há outros que omitem ou subestimam o fator humano. O modelo encarnacional salienta tanto o humano quanto o divino. No entanto, mesmo depois de aceitar a última opção, resta uma pergunta. São os lados humanos e divinos complementares, contudo separáveis? Ou existe uma unidade inseparável entre o humano e o divino?

No caso de Jesus, os Cristãos afirmam que ele era verdadeiramente Deus e tornou-se também verdadeiramente homem. Humano e divino não podem ser separados em Jesus. Isto parece também ser verdade para as Escrituras. 2 Pedro 1:21 aponta para uma cooperação entre o Espírito Santo e os agentes

humanos, reconhecendo o divino e o humano. No entanto, as Escrituras não foram criadas por humanos. Através de Deus, os profetas falaram sobre Deus. Deus é a origem e o autor final das Escrituras. Gerhard Maier resume isto em três pontos:

“1) ‘Homens falaram;’ isto é, representantes de pessoas ‘normais’ em um determinado lugar e tempo, e não ‘instrumentos,’ ‘escrevendo implementos,’ ou o semelhante; e eles usaram uma linguagem humana ‘normal’ ... #2) Nenhum deles, curiosamente, falou do ponto de vista dos homens, mas ‘de Deus;’ o que é enviado a partir dele, com poderes, procedendo de seu ponto de vista e trazendo através de uma mensagem dele que é nada menos do que uma ‘mensagem divina. #3) Aquele que trouxe este estado peculiar de coisas é o ‘Espírito Santo.’”^[9]

Mensagens proféticas e escritos proféticos são as palavras do Senhor e são aceitas por Deus como tais.^[10] Os livros bíblicos são a palavra do Senhor.^[11] Assim, o humano e o divino nas Escrituras não são complementares. Eles estão integrados. Conseqüentemente, diferentes conjuntos de ferramentas para estudar o lado humano e o lado divino da Bíblia não podem fazer justiça à sua natureza unificada, o caráter verdadeiramente encarnacional das Escrituras. E a propósito, muitas ferramentas da erudição não são exatamente neutras. Eles estão ligadas a tantos pressupostos que eliminando esses pressupostos, as próprias ferramentas têm evaporado.^[12]

Em todas essas questões, os Cristãos são sempre encaminhados de volta a Jesus Cristo, seu Senhor e Salvador e seu Exemplo. Como Jesus chegou a lidar com as Escrituras em seu tempo, com questões tais como revelação, inspiração e autoridade? Jesus fez afirmações sobre as Escrituras, e usou profusamente as Escrituras. Certamente, ele não era ingênuo ou ignorante no que diz respeito às questões que levantamos. A posição Jesus sobre as Escrituras:

Jesus confiou nas Escrituras. Para ele, o VT, sua Bíblia, é a palavra de Deus. Deus falou através de agentes humanos.

Jesus aceitava os profetas como comunicadores confiáveis das palavras de Deus e aceitava que a inspiração da parte dos escritores da Escritura do VT contém uma verdadeira profecia preditiva. Muitas dessas profecias ele considerava serem cumpridas em si mesmo.

Jesus aceitava a confiabilidade histórica das Escrituras, incluindo todos os acontecimentos importantes na história de Israel, bem como a criação e o dilúvio.

Jesus considerava como autor de um livro a pessoa que era identificada como tal no respectivo livro bíblico.

As intervenções divinas na história, tais como os milagres, não representavam nenhum problema para Jesus.

Jesus interpretava as Escrituras literalmente e tipologicamente. Os métodos críticos na exposição da Bíblia eram estranhos para ele. Embora ele deva ter conhecido as chamadas discrepâncias nas Escrituras, ele nunca se concentrou sobre eles e nem sequer as mencionou.

Jesus considerava as Escrituras não apenas como dirigidas aos leitores e ouvintes originais, mas também à sua geração. A escritura transcende a cultura.

A compreensão de Jesus sobre a vontade de Deus e suas ações na história são fundamentadas nas Escrituras. As doutrinas bíblicas podem ser derivadas do VT. Ao mesmo tempo, o VT era o padrão para a sua vida, bem como uma justificava para o seu comportamento.

A Escritura tem valor prático. Promove a fé. Pode ser usada como autoridade e arma contra as tentações. Jesus esperava que seus contemporâneos conhecessem a Escritura.^[13]

3. Sugestões

Como então podemos lidar com essas questões de revelação, inspiração e autoridade das Escrituras? Aqui estão algumas sugestões:

Comece com uma atitude de confiança em vez de uma posição de dúvida. Isto não exclui a abertura.

Leve a sério o auto testemunho da Escritura.

Não negue ou subestime problemas no texto bíblico. Tome cuidado, no entanto, para não exagera-los. Tenha cuidado com as posições extremas sobre inspiração personalizada, bem como inspiração mecânica.

Procure soluções no que diz respeito aos fenômenos bíblicos sem tentar fazê-los se encaixar artificialmente e ser capaz de suspender o julgamento. Se você não conseguir encontrar uma solução isso não que significa que não existe nenhuma.¹⁴

Use um método interpretativo apropriado e ferramentas exegéticas adequadas que se encaixam em a natureza da palavra de Deus.

Viva a palavra de Deus.

Proclame-a, fortalecido pelo Espírito Santo.

[1]. Cf. Wolfhart Pannenberg, “The Revelation of God in Jesus of Nazareth”, J. M. Robinson und J. B. Cobb, Jr., Hrg., em Theology as History, New Frontiers in Theology, Bd. 3 (New York: Harper and Row, 1967), pp. 101-133; Gabriel Moran, The Present Revelation: The Search for Religious Foundations (New York: Herder and Herder, 1972), pp. 38-40, 130, 227, 299, 341; Gerhard Maier, Biblical Hermeneutics (Wheaton, IL: Crossway Books, 1994), p. 97.

[2]. Os teólogos fazem distinção entre revelação geral, que, e.g., é encontrada em a natureza, e na revelação especial.

[3]. Veja Fundamental Beliefs of Seventh-day Adventists, nº 1, em *Seventh-day Adventist Church Manual*, (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1995), p. 7.

[4]. Cf. Encyclopaedia Britannica: Micropaedic (Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981), VIII: p. 965.

[5]. Cf. Peter M. van Bemmelen, *Issues in Biblical Inspiration: Sanday and Warfield* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987), pp. 377, 378.

[6]. Estas foram propostas por Gunkel, Reitzenstein e Bousset.

[7]. Por meio de critérios bíblicos um profeta é declarado genuíno e inspirado. Então este profeta é usado para formular uma doutrina de inspiração da Bíblia.

[8]. Pode ser útil comparar a natureza da Escritura com a natureza da luz. No entanto, concluir que para os diferentes aspectos da luz devem ser usadas diferentes ferramentas e aplicar isto à Escritura parece ir longe demais. A Escritura pode ser semelhante à luz, mas não é luz no sentido literal. Cf. Richard W. Coffen, “A Fresh Look at the Dynamics of Inspiration: Parte 2,” *Ministry*, February 2000, pp. 20-23.

[9]. Maier, p. 102.

[10]. Veja Jeremias 36:1-6 e 25:2-8.

[11]. Veja Miquéias 1:1; Oséias 1:1; Sofonias 1:1.

[12]. Veja, e.g., criticismo da forma que investiga o estágio oral do material, ainda que sejam unidades menores, por exemplo, criado em uma fogueira ou uma procissão fúnebre. Não ocorreu nenhuma revelação. Textos desenvolvidos paralelos a linhas evolucionárias.

[13]. Referências podem ser encontradas em Ekkehardt Mueller, “Jesus and Scripture in the Gospels,” manuscrito não publicado, Março de 1999.

[14]. Veja Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1951).